



«O melro, eu conheci-o:»
 «Replicando umas finas ironias»
 «Cantava, assobiava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapou alto,»
 «Comendo alegremente, honradamente;»
 «Dão-me cabo de tudo estes ladrões!»
 «Como élo é melro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO:

Oscar Dinis, | Augusto Serra e Costa,
 Júlio de Meireles Noronha, | ???

Redacção: RUA EGAS MONIS, 99 Administração: CAMPO DO TOURAL, 129

Composto e impresso na Pap., Tip. e oficina de Enc. de F. José de Freitas, Teural, 128 e 123

Propriedade Societária de "O MELRO,, — Quinzenário humorístico e literário

DE AUTOMOVEL

—A Associação Comercial, a cujo patriotismo estão confiadas as **FESTAS GUALTERIANAS**.

—A Sociedade Martins Sarmiento, não é verdade?

—Sim, minhas senhoras.

—Edifício deveras sumptuoso!... Imponente!... De quem é o projecto?

—Do Marques da Silva. As decorações e pinturas a fresco são do Abel Cardozo, ilustre professor de Desenho e um dos mais legítimos talentos artísticos da minha terra.

—O Abel Cardozo?!... Cohecemo-l'o muito bem; é na verdade um artista de mérito. Possuímos dois magníficos trabalhos seus, duas telas admiráveis: um belo retrato a óleo do nosso avo-

sinho e uma paisagem de delicado sentimento...

Demoremos um pouco mais...

Teve razão o poeta quando disse:

"Os nichos dum palácio em 'stilo bisantino
 Com pedras a luzir, com oiro em toda a parte,
 Deixavam perceber que tinha ali um íno,
 Um culto, adoração, a linda deusa da Arte.,,

—Bravo!... Bela memória!...

—Decoramos o que é bom.

—O Mestre que agradeça... Vossas excelências querem subir e visitar já os museus, a biblioteca e no salão nobre a **exposição de faianças das Caldas**, esplêndidos trabalhos do grande e glarioso Rafael Bordalo?

—E' melhor na terça-feira, depois das festas. Não lhe parece?

—Sim, é melhor na terça-feira;

haverá menos concorrência, e a Arte, para ser apreciada como deve, é preciso quasi a sós e não aos encontrões...

—*Chauffeur*, pode seguir...

—Aqui: é a **Associação dos Bombeiros Voluntários**, simpática e humanitária corporação, uma das milhiores e mais bem organizadas do país e que não tem rival em terras de provincia. E' o justo orgulho dos vimezanenses, que muito lhe devem pelos relevantísimos serviços que lhes tem prestado...

—Poder-se-há visitar amanhã?

—Porque não, minhas senhoras?!... Esta é a rua de Gil Vicente... a **Associação Artística Vimezanense**...

—Um belo exemplar de estilo românico!...

—A rua de 31 de Janeiro, outra — *Mata Diabos*.

CASA ELEGANTE—CHAPELARIA CAMISARIA E GRAVATARIA



MANOEL C. MARTINS—PASSEIO DA INDEPENDÊNCIA

— Mata Diabos!... Tem graça!...

— O Largo do Carmo... a casa onde viveu **Sarmiento**, o vimaranense ilustre, que tanto honrou a nossa terra e cuja memória é sempre lembrada com o mais profundo respeito.

A habitação da família Pombeiro... esta do dr. Matos Chaves... aquele o palacete do Corde de Margaride... acolá o Asilo de Santa Estefânia.

— Um belo jardim!... Olha que formoso chafariz os senhores aqui teem!...

— Está incompleto, minhas senhoras!... Falta-lhe a taça principal, que, segundo me informaram, se encontra despresivelmente abandonada no quintal do edificio onde está instalado o tribunal!

— Mas isso é um crime de lesa-arte, que lhes deve merecer o mais solene protesto!...

— O elegante chalet Simão Ribeiro, o último grito da arte nova!... Quartel de infantaria 20, antigos Paços dos Duques de Bragança... a igreja de Santa Margarida, onde foi batizado D. Afonso Henriques...

O Castelo ou o alcacer do Conde D. Henriques...

— Por falar em Castelo!... Muito nos obsequiava se nos mostrasse o parque...

— O par... o par... parque... — Tarda-lhe a fala?!... Gagueija?!...

Não, minhas senhoras!... O parque... ainda está no ovo...

— No ovo?!...

— Perdoem-me, vossas excellências, a incorrecção do termo... Quando disse — no ovo — queria dizer: no tinteiro...

— Ah! Percebemos!... Uma piadinha a ver se se converte em realidade o que muitos julgam, tal-

— *Chauffeur*, dê a volta... cuidado com a curva...

— O edificio do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, projecto do architecto Sardinha, se não estou em erro... Poucas terras possuem um hospital como este.

— Fica-lhe bem o exagero...

— E' a expressão da verdade.

— Só teem este hospital?

— Não, minhas senhoras. Há mais dois ainda: os das Ordens de S. Francisco e S. Domingos.

— Bravo!

— Outra vez o jardim do Carmo... rua Elias Garcia... o edificio do Liceu e Internato Municipal.

— Ah! E' aqui o Internato Municipal?!

— E' sim, minhas senhoras.

— E' um bom collegio; pois não é?

— Explendido!

— A Casa do Arco, residência do Conde de Azenha... entrada para o D. Prior... o estabelecimento do Pe-

tisqueira, compra e vende raridades autênticas e veras...

Largo da Senhora da Oliveira... A Câmara.

— E' este o edificio da Câmara?

— Sim.

— Modesto. não acha?

— Um pouco... A Colegiada... por ali... entrada para o



João Fernandes de Melo

(ALMA-MATER DAS FESTAS QUALTERIANAS)

vez, uma utopia... Não é verdade?...

— Sim, minhas senhoras. Uma setasinha flagranada, áqueles que malevolamente tentam impedir uma obra grandiosa e inteligente.

O palácio Lindoso... a casa do major Alcino,

— Por ali?

— Não, minhas senhoras. E' melhor por aqui,

valiosíssimo **Tesouro** que merece ser visitado.

Há-de acompanhar-nos, sim?

—Oh! minhas senhoras! Da melhor vontade.

—O Campo da Feira, ou seja: o Largo da Republica do Brazil.

—Que bela! Que admirável paisagem de aqui se contempla!...

—O nosso teatro... o Asilo de Mendicidade.

—Como se chama aquela igreja com aquelas duas torres tão elegantes?!

—Do **Senhor dos Passos**.

—Vês, Fernandes?!

E acolá o **Senhor dos Passos**. E' formosíssima!... Poucas terras se podem comparar à sua, sr. **Pintasilgo**. Acredite.

—A casa dos antigos Condes de Vila Pouca... no alto, a nossa encantadora **Penha**, ou seja: a Cintra do Minho.

—E acolá?

—Acolá era o antigo convento dos frades, Jerónimos, hoje habitação duma familia opulenta.

—E aquela casinha que se vê, um pouco mais abaixo, por entre aquele frondoso arvoredo?

—E' a **Officina de S. José**.

—Ah! Muito bem! muito bem! Temos observado que Guimarães anda de braço dado com a **Caridade**.

—Traz-do-Muro... rua de S. Dâmaso... o jardim...

—Olha que chic!... Muito bem cuidado, pois não está, mana? Predomina arte e bom gosto!...

—A repartição do correio...

—Não diga?!... Aquilo a re-

partição do correio?! Ah!... Desculpe, mas é uma pelintrice!... Guimarães tem direito a uma repartição decente!... Como podem os pobres empregados trabalhar:

«... ali, metidos naquela catifa Onde não brilha o sol, nem penetra a lua?!...»

TAS GUALTERIANAS

Ele lá está, a dar os últimos retoques nas ornamentações das janelas.

—Aquele é que é o **João de Melo**?! Ainda é tam pequeninol!...

—E não cresce mais... E', porrem, um corpo pequeno com uma alma enorme!...

E' a **Ele** a quem se deve o resurgimento das nossas festas, as mais imponentes do Minho e que podem enfileirar ao lado das mais brilhantes e esplendorosas que se realisam em Portugal!

E' **Ele** a quem Guimarães hoje saúda e aclama! E' a **Ele**, ainda, quem uma terra inteira, tem por dever ser eternamente agradecida!

(A campanha do Grande Hotel: tlin, tlin, tlin, tlin...)

—Vai dar-nos o prazer de jantar connosco.

—Impossivel, sr. Fernandes!

—Jante... jante...

—Impossivel, minhas senhoras! Muito obrigado. Amanhã aqui estarei à mesma hora, a apresentar-lhes os meus serviços e as minhas desculpas de cicerone incompetente.

—Sempre gentil e patrióta como aqueles que mais o são!

Muito obrigado! Apresento a vossas excelências os meus respeitos: sr. D. Pulquéria; sr. D. Brites. Adeus sr. Fernandes.

—Lú!lú, tira a mãozinha do nariz e dá um beijo a este senhor.

PINTASSILGO.



Guilhermino Augusto Barreira

(PRESIDENTE DAS FESTAS GUALTERIANAS-1915)

—Lá se vão ageitando conforme podem, minhas senhoras.

—Tinham agora ocasião de fazer uma coisa tam bonita...

Hotel Avenida... o Toural e a estatua de D. Afonso Henriques, obra-prima do grande Soares dos Reis.

—E aquele palacete fidalgo?

—Residência do **João de Melo**, a alma-mater das FES-

Picadelas

E' esta do José d'Almeida (António):

E' preciso trabalhar pelo povo, e é preciso que trabalhem por êle aqueles que êle elevou, decerto na esperança...

...De ficar a comer melhor e por pouco dinheiro... Não sr. António?

E' sempre mau o lembrarem-se do povo.

E' mesmo fraca coisa.

Se principiam a lembrar-se de fazer bem ao povo... adeus povo que ficas sem pele.

E' sempre assim.

Quando querem esfolar mais, principiam a dizer que é preciso olhar pelo povo, que é indispensavel... trabalhar pelo povo... e afinal, o que vemos, o que todos veem, é o *pobre povo* (sic) a trabalhar para êles...

Sempre para êles!...

O povo merece tudo.

E' sosegado, pacifico, adormece logo que lhe fazem cocegas no ouvido, e deixa-se ir no balão...

Pobre povo...

..

O caso da Câmara de Manteigas está bastante bicudo.

Tam bicudo, que até afirmam que o sr. governador civil da Guarda está desempenhando o seu cargo a *seu contento* e de toda a familia política.

Ora a novidade!

E' assim em toda a parte. Ignoravam?!

..

Mau! mau!

O sr. cónego José Maria já foi prevenido.

Tentam assalto...

Quando sua Ex.^a fala, os ares turvam-se... e as carteiras rangem.

Outro dia pairou sôbre o parlamento forte trovoadas.

Qualquer dia desencadeia-se e há... tempestade.

Mau! mau!

Com quem sua Ex.^a se meteu! Safa!

E' melhor voltar para o convívio alegre da rapaziada, e tomar em descanço as *repenicadas* pitadas do meio-grosso.

Fuja dêles sr. cónego.

..

Escrevemos no dia 18 do passado mês (temos boa memória, não acham?!) um postal ilustrado a um moço amigo, e mandamos-lhe também um melro de... capa amarela (dos bons) para que debaixo duma fescas, êle saboreasse as finas ironias do travêssio cantor.

M s qual?

O amigo escreveu-nos no dia 21, (já é ter memória) dizendo que recebeu o postal e que o tal melro... de grilo...

Abriu as azas e voou!

Que graça!

Ora o ladrão do melro!!!

Que atrevido!

Melro mais fino deitou-lhe a unha com toda a certeza.

Ora o diabo do melro!!

E' uma belezinha êste serviço dos correios.

Seria bom que o caso não voltasse a repetir-se.

A vêr.

..

O dos *exforsos* volta à carga seu monoculista dum canelo.

Chimpou com dois *exforços* no Comércio 2961 que não foi brincadeira.

Aquilo cheira a graça.

E não é de admirar que principie qualquer dia a cheirar mal.

Pois se o *home* faz tantos *exforços*...

AVA.

Os vândalos

Numa das últimas noites os vândalos derrubaram nove árvores, na Avenida Velha!

Que estupores!...



Não lhe toques...

Várias pessoas se nos dirigiram, felicitando-nos pelas cantigas publicadas em o-nosso último número e que, por *blague* dissemos terem sido cantadas por um côxo, à porta do sr. Mariano Felgueiras, representante em Guimarães do partido do sr. Afonso Costa, *inimigo fígada!* do fogo.

Houve, porém, alguém que vendo nas cantigas uma ofensa pessoal, pegou na carapuça e enterrou-a na cabeça até às orelhas, deu por paus e por pedras, barafustou, berrou e insultou...

O *Melro* não quiz, nem quer, ofender ninguém; apenas deseja contribuir para se pôr cobro ao terrível vício do jogo, que tantas vítimas tem causado e mais ha-de causar dentro em muito pouco tempo... Dentro em muito pouco tempo, notem bem!...

Aonde diabo estará o sr. administrador do concelho?!

O *Melro* aproveita a ocasião para agradecer as felicitações e repudiar os vitupérios.

De resto, como diz a cantiga:

*Não lhe toques Magdalena,
Não lhe toques que é pior.*

O menino, tira p'ra lá a pistola, que se pôde disparar!...

Eu não gosto de brincadeiras com armas de fogo!... Que diabo!... Que scisma!...

Pelo monóculo

do "sór., doutor

O que se Observa:

No *Melro* n.º 9 e nos anteriores gralhas e mais gralhas e de quando em vez algumas asneirolas.

Bôa! era o que faltava o *Melro* com a sua cantiga escarnecer e rir-se dos outros e não haver quem troçasse dele. Até foi bom cair na roteira (mas não ficou preso, não senhor; ainda tem boas asas, fortes e seguras, graças a Deus).

Orá quem se der ao encomodo de lêr o número passado do nosso cantador encontrará (a questão é que tenha boa vista ou use óculos e lunetas) além de falta de pontuação, ortografia nova e antiga, uma mistura... um pagode, mais: indiferente, calhau (a falta dum ba o que faz!), locubrões, patrióticas, queo, Irrra (com 4 rr soava melhor), a tire, iiii (com os diabos! tanta gente!), aus, pote pote (e logo dois! é porque as papas não chegaram... vão comer lá fora... nem tanto ao mar nem tanto à terra!), a te, numa, encomenda, Melr, balancê, à à (p'ra escolher...), balance, portetor, Sm, etc., etc..

Pois se na rectificação das gralhas há gralhas!...

A falsificação dos fósforos: não há maneira de pegarem... naturalmente é com a guerra... também encareceram.

—Como é, sr. Guedes de Oliveira?

—São alemães...

—Ah! malditos germanófilos!

Estas quadras para o nosso amigo, sr. João Carlos Vieira

de Andrade, reclamo a morto... e izento de pagar sêlo nas finanças:

—Quem quizer bons guarda-sóis,
A' venda, nesta cidade,
Vá à rua da Rainha,
Ao senhor João Andrade

Que encontrará bom sortido,
Seguro, garantidinho.
Podem, pois, meter figura
Por um preço baratinho...

—Obrigado.

—Não tem de quê... p'rá-migos mãos rotas.

Os versos que recebemos num postal:

Um duca...

Num hotel, em S. Domingos,
Hospedou-se um brasileiro
Que, co'uma *honrada* mulher,
Já tem gasto bom dinheiro...

Ela *ingénuu...* não cai;
Ele *pato...* vai caindo...
E do *Banana Manduca*
Toda a gente se vai rindo!

Coitado do seu *Manduca!*
Quería... mas apitou!!!
E agora p'ra disfarçar
Manduca diz que arranjou!...

Naturalmente... nada...
Pobre senhor *Manduca!* Pobre
Sinhó!...



MUSA VII

PRIMEIROS VERSOS POR

Leão Martins

A' venda na Papelaria, Tipografia e Encadernação de F. J. de Freitas, ao Tournal.

Preço—30 centavos.

RABUGICES...

Cá estou eu novamente com as minhas rabugices estonteadoras e insípidas. Difficilmente *burro velho toma an'adura!*

Apesar de farto e bem farto de saber que estas impertinências estultas a algumas damas donairosas e a capricho pintadas a lágrima teem feito vir ao ôlho, não sinto coragem de partir o bico ao lápis e de dizer, por uma vez, adeus aos pacientes leitores que me aturam. E' já feito, ou antes, temperamento de caturra!

Nascêram uns para rir; outros para chorar; êstes, todos bendizem; aqueles, tudo e todos tesouram de alto a baixo e... sem arripios. Eis o espelho, um pouco baço da humanidade contemporânea e creio que da dos tempo idos.

Incluam-me, agora, os leitores no rol que reconhecerem melhor me fique, (isso não me escandalisa nem desafina) mas deixem-me cincar, quinzenalmente, duas lérias, embora desconchavadas.

Tenbo empenho, prazer até em zurzir com mão forte certas pedantices e em estigmatizar, em bom som, diabruras que fazem girar como uma dobadoira o caco de muita gente. E' a sina que me tem acompanhado e certo acompanhará até à tumba. Que fazer?!...

E adeus, até depois das festas, que outras árias mais sonoras o *melro* Leão vos vai fazer ouvir...

Sempre pronto a servir-vos,

ELMANO.



Plebiscistos de "O Melro,,

(Secção quinzenal)

O que é a vida?

O QUE É A VIDA?

A vida é o dia d'hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge.
A vida é nuvem que vaa;
A vida é sonho tam leve
Que se desfaz como a neve
É como o fumo se esvai:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-o o vento,
A vida é folha que cai!

A vida é flôr na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida—pena caída
Da aza d'ave ferida—
De vale em vale impelida,
A vida o vento a levou!

JOÃO DE DEUS.

O QUE É A VIDA?

A vida p'ra quem ama é sempre um mar de flôres.
A vida p'ra quem canta é um doce paraíso;
A vida p'ra quem sonha é um puro céu de amores,
A vida p'ra quem ri é um casto e meigo risol...

A vida p'ra quem geme é um bem que já se finda,
A vida p'ra quem chora é um mal que já nasceu,
A vida p'ra quem sofre é dôr eterna, infinda,
A vida p'ra quem morre é luz que já viveul...

A vida para o pobre é um sonho vão, incerto'
A vida para o rico é um cofre d'oiro aberto!
A vida para o artista é um quadro sempre novo'

A vida p'ra mulher é um riso de criança,
A vida p'ra o crente é um dote dado ao povo,
A vida p'ra o poeta é a morte da esperança!...

JOÃO SANTOS.

O QUE É A VIDA?

Preguntam-me o que é a vida; p'ra acertar
escutei um momento; olhei á sorte!
Ouvi os sinos num ino a badalar,
e vi esquifes a seguir a morte.

Vi os passos do baile mais profano,
Ouvi o "dies irae,, dum entêrro,
tanto olhei, tanto vi, vi tanto engano
que imaginei ter vida por um êrro.

Calei-me, como sempre, no mistério
entre a música e os cantos dos salões
e os frios mansoleus do cemitério!...

Se apenas sei dizer que tenho vida
é por que sinto as frageis pulsações
dum coração ao toque de partida!

Guimarães, Julho 1915.

R. E.

O QUE É A VIDA?

Para uns, a vida é a expiação
pelos trabalhos forçados do crime
de terem nascido.

Para outros é o gozo pelo prazer
das mãos os terem dado à luz.

Para um milionário já velho deve
ser o colosso de Rodes pendente sob-
bre a cabeça.

TIRTEU.

O QUE É A VIDA?

(A' Maria Garcia Fernandes).

A Vida é para li o que para
mim é morte...

Nos teus risos das-me o pranto
que me sae do fundo d'alma, arre-
batando o meu fado de Poeta,...

Porfio.

A. A. M.

O QUE É A VIDA?

A vida actual é um inferno ver-
dadeiro.

A vida é uma leria, uma chatice,
uma estupidez.

A vida para os poetas é a morte;
para os ricos a devassidão e para
os pobres a desgraça.

A vida aborrece, é bárbara: se-
não vejamos os números de suicidas
ao dia.

A morte, sim, pelo menos consi-
dero-a a redenção da vida.

A vida é uma ilusão, uma coisa
que cheira mal...

Guimarães.

UM DESILUDIDO DESTA
COUSA CHAMADA—VIDA.

O QUE É A VIDA?

A vida é um extenso mar de ilu-
sões onde navegam os mais doloro-
sos sofrimentos do amor.

A vida é, para uns, uma cadeia
enorme de prazeres e felicidades e,
para outros, um ignoto mar de in-
fortunios e desgraças.

A vida é a maior rival da morte.

PARAÍSO.

O QUE É A VIDA?

A vida é o que eu vejo: uns com
muito, outros sem nada.

A vida é uma fita cinematográfica...

Fazem idéa do que é o inferno?—
E' o que é a vida.

SOBRAS.

Conclui na próximo número.

Prefiram o MARTINS não só por ser bom rapaz como
também pelos explêndidos sortidos do seu estabelecimento

NOTICIARIO

(Muito íntimo: só para amigos).

No Liceu desta cidade, fez ultimamente exame do 5.º ano, ficando plenamente aprovado o nosso simpático amigo sr. Carlos Pereira de Barros, da vizinha e risonha vila de Fafe, para onde seguiu ha dias a abraçar seus queridos pais.

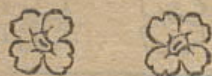
O *Melro* felicita o inteligente académico e seu assiduo leitor, e pede a finêsa de o recomendar áquella *Santinha*, que não come, nem bebe, nem... e de cada vez está mais coradinha...

De Lisboa e do Porto regressaram a esta cidade os inteligentes académicos: Augusto Ferreira da Cunha e Joaquim Roberto de Carvalho: o primeiro ainda em tirocínio para entrar na Universidade e o segundo quasi médico. Fizeram exame no nosso liceu ficando uns distinctos e outros aprovados (era conforme o intellecto e applicação...) os srs: Adélio da Silva, de Barcelos, Carlos Coelho, Joaquim Novais Teixeira, Francisco Pereira Mendes, (o das Senhoras), nosso habil colaborador, Fernando Paço-Vieira, Eleutério Martins Fernandes e Armando de Vasconcelos Cardoso.

Faleceu na Inglaterra o sr. José Correia de Matos.

Fez anos na passada quarta-feira o nosso amigo e estimado assinante, sr. Manuel Miranda da Silva.

Mau é isso...



Juntas paroquiais republicanas

Como prometemos a *fta* continua. Bôa! e é da mesma Junta. Pobres paroquianos! Qual o vosso destino?! Ah! um viva agora soava bem:— Viva a instrução!

(Os paroquianos contentes, de boca aberta e braços no ar:)

— Viva!!!...

"A junta da Freguezia de S. Mamede de Aldão conselho de Guimarães atesta a pallavra de honra que Anna Martins costoreira casada moradora no lugar dos eidos desta freguezia que é pobre e não tem meios para pagar e fas ser verdade passo o presente que assino.

Guimarães freguesia de S. Mamede de Aldão 15 de Junho de 1915

Custodio Martins

Soje De Freitas

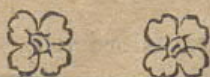
Manoel De, Maçedo,

Os leitores leram? E que tal? que dizem sobre o caso?... E os paroquianos querem um conselho, querem?

—Mandem a *célebre Junta* para a escola, ha lá meninos que a podem lecionar.

—Parece mal... são homens... de barba na cara... têm filhos... que diabo!

—Não parece mal nada: aprende-se 'té morrer. Não há vergonhas. 'Scola, 'scola, *meninos!* e *Santa Luzia* no caso. A luz é uma das maiores necessidades. Tantos *cegos*, tantos!...



As pombinhas

Pois vossas excelências, também aplaudem os torneios ás pombas?!?!...

O' minhas senhoras!...

Vós que sois damas de coração, que tendes nobres sentimentos, podeis ver fazer mal ás pobres avesinhas, que são o símbolo do Amor e da Inocência?!

Horror!... horror!...

O que dirá a isto o amigo e sr. Carvalho, presidente da Sociedade Protectora dos Animais?!... Não terá uma palavra de protesto, um grito de revolta?!

Não diz nada?!... Não fala?!... Emudeceu?!...

O' Santa Clara bemdita, dai falinha ao A. L. de Carvalho! Dai... dai... para que elle proteste contra aqueles que atiram ás pombias.



AVISO

Devido ás constantes reclamações de jornais, feitas por diversos assinantes do nosso jornal, prevenimos que os mesmos façam essas reclamações aos seus empregados que estão mais em contacto em abrir as portas, quer de entrada de casa ou estabelecimento, visto, cá do escritório, a distribuição ser feita com todo o cuidado.

Ainda o balancé da batota

(Cantigas côxas, cantadas por um côxo, à porta do sr. Mariano Felgueiras, arbitro da política vimaranense.)

(MÚSICA DO BALANCÉ)

Volto de novo à cantiga,
E repitu-a uma vez mais;
Não consintas, Mariano,
A batota em Guimarães.

O' balancé, balancé.

Senão scutas a cantiga,
Por julgal-a brincadeira;
Vou já queixar-me de ti
Ao padre António Teixeira,

O' balancé, balancé.

Teixeira não é p'ra graças
E não tem medo nenhum;
Pega logo na malinha...
Chega lá: pum!pum!pum!pum!

O' balancé, balancé.

Levam damas, levam condes,
Levam duques e mais reis;
O clero, a nobresa e o povo,
E os mais que sabereis...

O' balancé, balancé.

Que batoteiros dêem sorte,
A mim pouco se me importa;
Pintassilgo não receia
Os que *puram o rabo á sota!*

O' balancé, balancé.

P'ra mais tenho a meu favor
As musas de Anacraonte;
Haja, pois, todo o cuidado,
Commigo ninguém reponte.

O' balancé, balancé.

(O sr. Mariano concordando com o cantor:)

Cantador do balancé,
Comove-me o teu cantar;
Maldito, seja maldito,
Quem pede para jogar.

O' balancé, balancé.

(A multidão cá fóra no terreiro:)

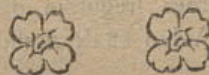
Mas se V. Ex.^a entende que é maldito quem pede para jogar, porque não aconselha o sr. administrador a que ponha côbro à batota?!

Pois 'stá claro! Para que é a polícia?!

Vá, sr. Mariano, casque-lhes!...

Nada de contemplanções!...

PINTASSILGO.

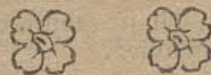


AO SR. Romeiro

Quando é que vossa excelência nos honra com a sua visitinha?

Já estamos á espera há tanto tempo!

O prometido é devido...



AO SR. PINTASSILGO

Agradecemos a sua interessante colaboração e pedimos que continue a honrar-nos com os seus originais rechiadinhos de graça, polvilhados de sentimentalismo.

Sempre às ordens.

O beijo postal

A scena passou-se em uma pequena localidade da Moravia, onde acabava de se estabelecer a primeira agência do correio. — O agente está ocupado em compulsoar papeis, quando batem na porta. — Entre.

E' uma pequena camponeza nova e cortez, que, fazendo sua saudação, apresenta ao empregado um vale que êste examina, e achando-o em regra paga. O empregado, um moço — pergunta depois á destinatária porque não tinha destacado o *coupon*, em que havia alguma coisa escrita para ela (os vales postais austriacos, como todos os vales trazem um *coupon* à disposição do expeditor), ao que a moça, um pouco embaraçada e tímida, respondeu: — Meu bom senhor, veja que eu não sei ler, pode dizer-me o que ha? — Com muito prazer. — E o agente lê em um tom sério: «Envio-te tres florins e mil beijos».

Depois do que, acrescenta ele, com toda a consciência de sua dignidade postal:

— «Agora que lhe entreguei os tres florins, faltam os beijos».

Então a camponeza se lança nos braços do empregado, e com uma efusão mal dissimulada, deixa-se pagar a quantia integral do vale! De volta a casa de seus pais, disse:

— Minha mai, que bela coisa que é o correio, hoje, paga tudo integralmente até, os beijos!...

Por tal preço, garantimos, empregados para o correio, nunca faltariam!...

DO B. PHILATELIQUE.

